

Complexidades da religiosidade afro-brasileira no “terreiro” do ciberespaço

Cristiana Tramonte¹

Resumo: A presença dos “terreiros” e outras formas de organização de grupos da religiosidade afro-brasileira nas redes sociais e na internet como um todo, apontam para a convivência entre modernidade e tradição. Ao mesmo tempo em que grupos religiosos afro-brasileiros no Brasil buscam afirmar sua tradição - origens culturais e raízes “autênticas” (estas entendidas enquanto africanidade), procuram também afirmar sua modernidade situando-se no ciberespaço, entendendo este como uma extensão do trabalho realizado no plano físico do terreiro. Esta lógica resulta num esforço de convivência, que alia modernidade e tradição e aponta para uma atuação aberta ao intercâmbio com a sociedade como um todo, ao mesmo tempo em que potencializa a informatização e a comunicação eletrônica como um canal de diálogo, democratização do conhecimento e construção de processos de afirmação da diversidade religiosa e cultural.

Palavras-chave: Religião afro-brasileira e ciberespaço. Religião afro-brasileira e redes sociais. Diversidade religiosa e Internet.

Complexities of African-Brazilian religiosity in the "yard" of cyberspace

Abstract: The presence of "terreiros" (place of cults of the religions afro-Brazilian) and other forms of organizing groups of afro-Brazilian religiosity in social networks and the internet as a whole, indicate the coexistence of modernity and tradition. At the same time that religious groups afro-Brazilians in Brazil seek to affirm their tradition - cultural origins and roots "authentic" (these understood while Africanness) - seek to also affirm their modernity at the cyberspace, understanding this as an extension of the work done on the physical plane of the “terreiro”. This logic results in an effort of acquaintanceship, which combines modernity and tradition, and points to an open actuation to exchange activities with society as a whole, while it potentiates the computerization and the electronic communication as a channel for dialogue, democratization of knowledge and construction of process of affirmation of the religious and cultural diversity.

Keywords: Afro-Brazilian religion and cyberspace. Afro-Brazilian religion and networks. Religious diversity and Internet.

Recebido em 04/08/2014 - Aprovado em 27/08/2014

¹ Doutora, Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. cristiana.tramonte@ufsc.br

Introdução

Na atualidade, grupos humanos com as mais variadas configurações sociais, filosóficas e religiosas perguntam-se ainda sobre questões essenciais que sempre povoaram as grandes polêmicas da História. O diferencial na época atual é a constituição de uma realidade própria, que congrega e dinamiza as relações humanas, em um espaço que media, expande e interpreta a realidade física- o ciberespaço.

As indagações que assumem a forma de antagonismos dividem os grupos humanos, causando os grandes conflitos e posições irreconciliáveis que tem apontado para grandes tendências da modernidade entre elas, o individualismo, e seus poderosos aliados - o racismo, os fundamentalismos e os fanatismos de toda ordem. Na contramão, as organizações humanas buscam, por variados caminhos, manter, divulgar e ampliar as tradições, angariando bases legais de apoio para a manutenção das mesmas. Todas estas manifestações se reproduzem e se confrontam nos ambientes virtuais - redes sociais, grupos fechados em torno de temas específicos, sites com diferentes finalidades, home-pages etc. É um grande caldeirão social, filosófico e espiritual expressos em redes tais como Facebook, LinkedIn, Twitter e tantas outras, que multiplicam-se em uma infinidade de possibilidades e de interesses específicos.

O crescimento da web tem ampliado parcerias em nível mundial, tanto no âmbito científico-colaborativo quando no plano da articulação em âmbito pessoal, familiar, de afinidades, solidariedade e outros vínculos identitários, todos eles possibilitados e estimulados pela facilidade de estabelecer redes e articulações no ciberespaço.

Estas manifestações do ciberespaço rearticulam-se constantemente em torno de interesses similares e formam movimentos intensos e bem organizados que atuam na sociedade civil alterando rumos de decisões em todos os níveis- desde aquelas do microcosmo, como por exemplo do âmbito particular e familiar, ou das opções de estilo de vida e escolhas individuais chegando até aquelas ações do nível do macrocosmo, que envolvem políticas governamentais e ações mundiais em torno de causas comuns. Todo este conjunto de ações são agigantadas pela possibilidade inédita moderna de congregar simpatizantes de todo o planeta e até mesmo de locais e povos remotos antes desprovidos de maior acesso a informação.

Em meio a este intenso desenvolvimento tecnológico, que serve de base a esta construção planetária, convivem formas brutais e primitivas de combate xenófobo, em cuja lógica prepondera a intolerância e a incapacidade absoluta de conciliar, dialogar e fazer conviver a diversidade quer seja ela de tipo cultural, religiosa, étnica ou social com articulações promotoras da diversidade humana em direção a um maior igualitarismo de direitos e oportunidades.

Neste contexto complexo e móvel, que, de fato, influi na dinâmica planetária como um todo, alterando e influenciando ações em questão de minutos, alternativas vão sendo construídas por grupos humanos que buscam expandir sua influência cultural através de outras vias (que não a xenofobia e os extremismos) construindo processos de comunicação e democratização do conhecimento. Para exemplificar, poderia ser citada a atuação eletrônica dos terreiros de religiosidade afro-brasileira.

Modernidade e tradição

Sem pretender generalizações apressadas, mas à guisa de estímulo à reflexão, pode-se examinar por quais caminhos expande-se a influência de vários grupos praticantes da religião afro-brasileira: a presença dos terreiros e grupos da religiosidade afro-brasileira nas redes sociais e na internet como um todo, apontam para a convivência entre modernidade e tradição. Ao mesmo tempo em que grupos religiosos afro-brasileiros no Brasil buscam afirmar sua tradição - origens culturais e raízes “autênticas” (estas entendidas enquanto africanidade²), procuram também afirmar sua modernidade situando-se no *ciberespaço*, entendendo este como uma extensão do trabalho realizado no plano físico do terreiro. Esta lógica resulta num esforço de convivência, que alia modernidade e tradição e aponta para uma atuação aberta ao intercâmbio com a sociedade como um todo, ao mesmo tempo em que potencializa a informatização e a comunicação eletrônica como um canal de diálogo, democratização do conhecimento e construção de processos de incorporação cultural³.

Segundo o antropólogo Raul Lody (1987), o *candomblé*, originário da África, é uma congregação de sobrevivências étnicas que teve grande disseminação e reinterpretação como cultura afro-brasileira em nosso país. De acordo com o autor, a produção cultural constrói a aliança entre os planos do sagrado e do humano. Assim, a música, dança, canto, gestos e alimentos emanam a força vital e as máscaras, esculturas, adornos e pinturas contribuem na unidade do grupo social, simbolizando seus ciclos e passagens. A sociedade do *candomblé* é controlada e protegida por dois elementos fundamentais: a natureza, o meio ambiente, corporificados e santificados nos orixás e as expressões dos antepassados.

Assim, a energia da natureza e os heróis e reis divinizados são alguns dos principais motivos do plano do sagrado, íntimo e cotidiano para o homem africano. Esta presença está na casa, no santuário, no comércio, nas tarefas, nos campos, nos rios, no mar, no desenvolvimento das técnicas artesanais...desenhando dessa maneira o próprio ser cultural.(p.9)

Claro está que elementos da tradição - natureza e conhecimento ancestral - permanecem como eixos essenciais da prática do *candomblé* desde seus primórdios. Num clássico artigo intitulado “Iansã não é Santa Bárbara” largamente difundido na época e também no ambiente virtual, várias Iyalorixás da Bahia reivindicam a pureza da

² Poderíamos chamar ainda de “negritude”. Segundo Kabengele Munanga (1988), há cerca de cinquenta anos nascia o conceito e movimento ideológico. O autor localiza ainda uma definição cultural segundo a qual negritude seria a “*afirmação do negro pela valorização de sua cultura, a começar da poesia e outros*”.

³ Entende-se cultura nas duas instâncias apontadas por Thompson (1990): a concepção descritiva e a concepção simbólica. A primeira refere-se a um variado conjunto de valores, crenças, costumes, e práticas de uma sociedade específica ou de um período histórico. A simbólica aponta para os fenômenos culturais como plenos de simbolismo e seu estudo está interessado na interpretação destes símbolos e na ação em que implicam.

tradição. *Diç o documento: “As iyás e babalorixás⁴ da Bahia não querem também permitir mais que sua religião seja tratada como folclore, seita, animismo ou religião primitiva como sempre vem ocorrendo nesta cidade⁵”*

A articulação no ciberespaço

No Brasil, os terreiros de candomblé e umbanda representam uma força social significativa de afirmação da cultura afro-brasileira. Como estratégia de expansão de sua influência, esta rede humana penetra o ambiente virtual em seus inúmeros espaços, multiplicando-se nas redes sociais e inúmeros espaços virtuais e estes emergem como poderosos aliados na inserção e veiculação de suas práticas, idéias e valores.

Na atualidade, praticamente todos os grupos religiosos afro-brasileiros tem sua inserção no ambiente virtual e participam nas redes sociais. Alguns exemplos são: Ilé Axé Opô Afonjá (Bahia), Sociedade Africana Ilé Oxum Docô e Ilé Nagô Kaô Xangô Okanimô (Rio Grande do Sul), Axé Ilé Obá, Pai Celso de Oxalá e Pai Danilo do Ogum (São Paulo), Abassá de Odê, Tenda Espírita Cabocla Marola do Mar, Tenda Espírita Caboclo Cobra Verde e Tenda Espírita Juraciara (Santa Catarina) entre tantos outros, em várias localidades do país. Existem ainda inúmeros *links* para bibliotecas e livrarias especializadas⁶, editoras, programas de rádio⁷, organizações não-governamentais, empresas alternativas⁸, listas de bibliografia, boletins⁹ e manifestos de apoio ou repúdio a iniciativas neste campo¹⁰. Em âmbito internacional, também há vários outros exemplos de páginas de cultura de origem africana na rede¹¹.

⁴ Iyá = O mesmo que “mãe” em yorubá. Especifica cargo hierárquico no candomblé. Babalorixá = Chefe de terreiro. CACCIATORE, 1988

⁵ O documento contém a assinatura das seguintes lideranças do candomblé baiano: Meninha do Gantois, Iyalorixá do Axé Ilé Iya Omin Iyamássé; Stella de Oxossi, Iyalorixá do Ilé Axé Opô Afonjá; Tete de Iansã Iyalorixá do Ilé Nassô Oká e Olga de Alaketo, Iyalorixá do Ilé Maroia Lage. 12/8/83

⁶ Entre estes, alguns acervos já consagrados como a Biblioteca Comboniana da Bahia - comboni@ongba.org.br, que possui consulta *on-line* e o acervo do Núcleo de Estudos Negros - NEN, de Florianópolis (SC) pelo endereço www.nen.org.br

⁷ Pai Celso de Oxalá possuiu durante vários anos programa de rádio denominado “O Nosso Cantinho”, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, com perfil informativo e “*objetivo de desmistificar o candomblé*”, dirigido “*Não só aos adeptos mas a todos aqueles que querem ouvir algo novo*”. BOLETIM AFRONOTÍCIAS, nr.35

⁸ A empresa de WEB Aguaforte é um exemplo: oferece diversos serviços de cunho social, entre eles classificados gratuitos (“Coisas do Brasil”), mensagens espirituais (“mercador de palavras”), além de “hospedar” diversos sites de Candomblé. Manteve, durante anos, sob responsabilidade da Profa. Dra. Rita Melo Amaral, a excelente página Urbanitas que, entre outros assuntos, informa e atualiza sobre textos, endereços e notícias de terreiros de candomblé (<http://www.aguaforte.com>)

⁹ O Boletim Afronotícias, da Universidade Candido Mendes é um ótimo exemplo de informativo interativo sobre relações raciais, África e Cultura Negra no Brasil. Há também o informativo UNIAFRO- União de cultura Negra de Santa Catarina

¹⁰ A rede informatizada é também utilizada como veículo de divulgação de idéias e posições políticas e culturais e como fórum organizativo dos grupos que atuam com religião afro-brasileira. Exemplo de articulação via eletrônica é o manifesto intitulado “*Exposição de Museu agride cultura negra na Bahia - Campanha pela devolução de objetos sagrados aos terreiros de candomblé da Bahia*”, difundido por grupos baianos, entre eles AXÉ e a Organização Zumbi OnGs da Bahia, além do Fórum de Entidades de Direitos Humanos do Estado da Bahia e Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa da Bahia. Este documento protesta contra a referida exposição, solicita a devolução de objetos expropriados em incursões violentas da polícia aos terreiros, principalmente no

A persistência da tradição nas corridas ciberespaciais

A convivência entre tradição e modernidade é um desafio para a época atual. A rapidez e conseqüente fluidez de acontecimentos e transformações em todas as áreas do conhecimento ocupam o nível “macro” da sociedade, mas resistem, em nível microsossial a vontade e a ação de grupos humanos no sentido de manter e/ou redefinir suas tradições sem abdicar totalmente delas. Ao contrário, estes grupos parecem sentir a necessidade de expandir sua influência e assim, resistir à massificação. Esta redefinição e/ou luta pela manutenção das tradições culturais vê-se defronte a novas necessidades e demandas criadas pela modernidade predatória e exacerbadas pelas tecnologias, rapidamente popularizadas pelo mercado, que percorrem o ciclo interminável de renovação contínua, que coloca em xeque valores e persistências das tradições.

Thompson (1990) afirma que a mudança tecnológica sempre foi crucial para a transmissão cultural ao longo da história, pois altera a base material e meios de produção e recepção dos quais depende este processo depende. Dentro desta concepção, a mudança tecnológica implica em alterações nos processos de transmissão cultural. Claro está porque os grupos humanos que organizam-se sobre bases e práticas culturais - como os praticantes da religiosidade afro-brasileira - vêem-se na contingência de assimilarem e adequarem suas práticas assentadas sobre bases tradicionais a nova dimensão tecnológica, ocupando o espaço das redes sociais e constituindo inúmeras paginas e sites, desde as institucionais até as mais efêmeras como por exemplo, aquelas de um evento específico.

Thompson lembra ainda que a comunicação de massa se interessa pela produção e transmissão de formas simbólicas produzidas e desenvolvidas por meio de tecnologias da mídia. Ora, se as formas simbólicas podem desta maneira propagar-se, porque os grupos culturais interessados em difundir suas práticas não estariam interessados nestas tecnologias? E neste sentido inverte-se a lógica mesma, intrínseca, do modelo de globalização hegemônico que passa então a ser arcaico, se mantiver uma intenção excludente de descaracterização regional e cultural e submissão à lógica do consumo ignorando origens grupais e valores ancestrais e promovendo mudanças tecnológicas tão velozes que qualquer idéia de permanência se dissolve.

A influência em rede das ferramentas virtuais

Desta forma, a articulação em redes sociais tem congregado a população planetária em torno de interesses comuns. Estas redes sociais se multiplicam em ritmo frenético em equipamentos como computadores, celulares, tablets, smartphones e smart tvs

passado, e solicita o envio de telegramas de repúdio ao então governador do Estado Paulo Souto. Diz o texto: “o que se pretende ensinar às crianças e à juventude de várias escolas que freqüentam aquele museu? O desavisado visitante verá numa mesma exposição: máscaras mortuárias de criminosos decapitados, armas de fogo e outros instrumentos de homicídio, baralhos viciados, dados falsos, drogas diversas, testículos de bandidos, fetos deformados, cabeças decepadas...e belas criações de arte sacra negra”.

¹¹ Por exemplo, o site da Botanica Lucumí, com sede nos EUA, que oferece desde produtos de cultos de origem africana a endereços e informes diversos sobre o tema.

etc. Por suas vez, estes criam e recriam ferramentas de comunicação cada vez mais eficazes e em tempo real, tais como o whatsapp. São inúmeras as iniciativas que transformam e direcionam ações e projetos. Entre estas, as petições públicas com temas de interesse social, tais como as de proteção ambiental, ou ainda as dinâmicas de compartilhamento veloz de informações que influem poderosamente nos rumos que governos e instituições dão a iniciativas. Além disto, tem se constituído em ferramenta poderosa de proteção do indivíduo, atuando no caso de desaparecimento de pessoas, de demandas por causas individuais tais como solidariedade em torno de casos dramáticos, listas de ajuda etc

Esta atuação inverte o preconizado pelo senso-comum inicialmente- o isolamento do individual no contexto virtual. De forma complexa, o reinado do mercado do consumo de bens e a massificação da informação e da comunicação pode facilitar o contato interplanetário para a democratização cultural, política e social e em todos os níveis se houver a disponibilidade dos sujeitos para ações neste sentido.

Cadoz lembra que, pela tecnologia o ser humano pode, no passado, obter um prolongamento de si. Inicialmente a mão, estendida pelas primeiras ferramentas e depois, com signos, linguagens e escritas estendeu o alcance espacial, temporal, social e histórico de sua comunicação e conhecimento. E assim, através também da ferramenta, ou da tecnologia, modificou sua relação com o mundo. Ao modificá-la, alterou sua cultura.

Portanto, não há fatalismos neste processo intra-influente: os grupos culturais não submetem-se simplesmente à lógica tecnológica; eles a transformam e sobre ela influem, num vaivém contínuo de receber e transmitir influências. O momento atual é marcado, porém, por uma singularidade, como analisa Cadoz: a informática é radical ao alterar a relação ser humano/mundo, porque intervém em três dimensões: ação, observação e conhecimento do real e da comunicação. *“E por outro lado envolve todos nossos atos e problemas e os transforma em atos e problemas de informação”* (1997:66). Ou seja, não é difícil aceitar que os recursos tecnológicos caracterizam-se atualmente por constituírem-se em realidade em si mesmos, interferindo em ações, emoções e opiniões. A constituição de uma realidade virtual, plena de complexidades é um exemplo de como ações, políticas, emoções e opiniões podem constituir-se num plano exterior à realidade concreta tal como se concebia há poucos anos atrás. A linha divisória entre real e virtual é cada vez mais tênue, de modo que virtual é parte do real mesmo, uma convivência cada vez mais cotidiana em dimensão planetária.

Religiões afro-brasileiras na complexidade tecnológica

A América Latina caracteriza-se por larga tradição de resistência popular e reproposição aos modelos hegemônicos excludentes que lhe foram apresentados ou impostos. Nesta longa luta pela democratização de bens materiais e culturais, formaram-se frentes de atuação social, econômica, étnica, ecológica e cultural que buscaram organizar grupos e setores baseados em concepções democratizadoras de atuação e convivência.

No Brasil, são particularmente relevantes as iniciativas de afirmação cultural afro-brasileira organizadas em torno de ritmos e melodias, tais como grupos baianos

Olodum e o tradicional Afoxé Filhos de Gandhi, as escolas de samba em várias cidades do país e outras, com preocupações francamente pedagógicas e comunitárias¹². No campo do sagrado, também os grupos de tradição religiosa afro-brasileira - umbanda e o candomblé - adquirem especial alcance ao buscarem transpor os limites geográficos e sociais de seus terreiros e grupo de adeptos e enviar para o *cyberespaço* suas mensagens, convites, eventos, documentos de princípios, etc. numa clara tentativa de expandir seu campo de influência.

É nesse redemoinho de transformações tecnológicas que insere-se o “povo-de-santo”, os seja, os praticantes da religiosidade afro-brasileira buscando apresentar seu trabalho, suas propostas e intenções. Entretanto, como em todo o espaço virtual, é preciso conhecer e estabelecer outros vínculos para, por exemplo, discernir grupos que atuam em uma linha comunitária e de afirmação cultural e outros, com intenções preponderantemente comerciais e sensacionalistas.

A dualidade e risco da inserção no *cyberespaço* e suas inúmeras ferramentas não fugiu à aguda percepção de lideranças de grupos ligados à religião afro-brasileira, como atesta este alerta dado pela organização baiana Ilé Axé Opô Afonjá, no documento “Algumas considerações”:

Agora uma nova configuração se instala. Neste fim de século com a corrosão das instituições religiosas tradicionais... o candomblé, agora considerado religião é visto também como uma agência eficiente... ..Mais do que nunca as Iyalorixás e Babalorixás se questionam. As armadilhas, os caça-fugitivos, estão instalados. São os congressos, **a TV - é a mídia** - os livros, **a web, em certo sentido**. Tudo isto é transformado, por nós, em pinças **para separar o joio do trigo**... Diferenciação é conhecimento, candomblé é religião, não é seita”. (grifo meu).¹³

Claro está, portanto que a rede informatizada é vista como um instrumento dual, multifacetado, em relação ao qual cabe o papel das lideranças dos grupos de religião afro-brasileira encaminharem, escolherem e decidirem as formas mais adequadas de sua utilização.

Significa portanto, que a inserção dos grupos afro-religiosos nas redes sociais e inúmeros espaços virtuais é apenas um facilitador para todos aqueles que desejam contatos ou aprofundamento no conhecimento das práticas religiosas. O trabalho de seleção, compreensão e discernimento sobre concepções diferenciadas que embasam e sustentam os grupos” fica a cargo do “internauta” que deve, portanto, munir-se de suficiente embasamento teórico-prático para distinguir entre diferentes propostas.

¹² Em trabalho anterior, busquei analisar as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Tramonte, 1995.

¹³ Sobre a questão do reconhecimento das religiões afro-brasileiras, uma polemica recente reacendeu a questão, colocando em pauta novamente o preconceito vigente sobre a prática espiritual envolvendo um juiz de direito. Para conhecer o caso ver <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/05/juiz-muda-de-opiniao-e-diz-que-cultos-afros-sao-religiosos/>

Os recursos informatizados, bem como as redes sociais e as tecnologias em geral não promoverão por si mesmas a democratização do conhecimento, mas podem facilitar o acesso a este. O semiólogo Umberto Eco¹⁴ aponta para o labirinto que se constitui a rede informatizada quando não existe, por parte do indivíduo, critérios, conhecimento ou formação cultural suficientes para realizar o trabalho de triagem e confronto de informações. Ele vai ainda mais longe afirmando que o excesso de informações - sem critérios - pode significar um vazio equivalente a nenhuma informação. Chomsky (1998) acredita que a informação não é conhecimento. Como exemplo, ele afirma que a população intelectualmente subdesenvolvida não tem problema de falta de informação, mas sim de entendimento. Além disso, o uso das muitas ferramentas informatizadas do cyberspaço abre muitas portas, mas há também o perigo do desaparecimento da singularidade cultural, alerta o lingüista.

A educação, a formação, os processos de construção do conhecimento e do espírito crítico são, portanto, progressivamente elementos cada vez mais imprescindíveis na atualidade para a inserção e discernimento no ambiente plural, e cada vez mais complexo do mundo virtual e suas inúmeras ferramentas e desdobramentos, para a constituição de um cidadão que seja capaz de reconhecer, descobrir, escolher e exercer seu espírito crítico em meio à grande quantidade de informações que o ciberespaço apresenta. Do contrário, pode-se resvalar no terreno da apologização da presença no mundo virtual e conseqüente esvaziamento do ser humano, de sua história, cultura e possibilidades de construção do conhecimento de ação propositiva em relação à realidade, seja ela virtual ou física.

Bibliografia

AMARAL, Rita Melo. Página Urbanitas.[on line]. Disponível na INTERNET via WWW.URL: <http://www.aguaforte.com>. Arquivo capturado em 7 de novembro de 1998.

BOLETIM AFRONOTÍCIAS. Informativo interativo sobre relações raciais, África e cultura negra no Brasil. Universidade Cândido Mendes/CEAA, nr.35, 23/10/98.

CACCIATORE, Olga G. Dicionário de cultos afro-brasileiros. Forense Universitária. Rio de Janeiro: RJ, 1988.

CADOZ, Claude. Realidade virtual. Ed. Ática. São Paulo: SP, 1997.

CHOMSKY, Noam. Jornal Em Tempo. Belo Horizonte: MG, 8.11.1998. pág.2.

ECO, Umberto. Entrevista concedida ao Programa Hiperídia. GNT, 1997.

FÓRUM DE ENTIDADES DE DIREITOS HUMANOS DO ESTADO DA BAHIA E COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA

¹⁴ Programa Hiperídia. Entrevista concedida ao canal GNT. 1997.

BAHIA. AXE, ZUMBI - ONGS DA BAHIA. Exposição de Museu agride cultura negra na Bahia. [on line] Disponível na INTERNET via WWW.URL: <http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1322>. Documento capturado em 17.10.98

GANTOIS, Menininha do. Iyalorixá do Axé Ilê Iya Omin Iyamassé; Stella de Oxossi, Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá; Tete de Iansã Iyalorixá do Ilê Nassô Oká e Olga de Alaketo, Iyalorixá do Ilê Maroia Lage. Iansã não é Santa Bárbara. Salvador:BA, 12.8.83. [on line] Disponível na INTERNET via WWW.URL: <http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1322>. Documento capturado em 22.10.98

ILÉ AXÉ OPÔ AFONJÁ. Algumas considerações. Oni Kòwé. Salvador:BA, outubro de 1996.[on line] Disponível na INTERNET via WWW.URL: <http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1322>. Documento capturado em 17.10.98

LODY, Raul. Candomblé. Religião e resistência cultural. Ed. Ática. São Paulo:SP, 1987.

MUNANGA, Kabengele. Negritude. Usos e sentidos. Ed. Ática. São Paulo:SP, 1988.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos Meios de comunicação de massa. Petrópolis:RJ, 1990.

TRAMONTE, Cristiana. O samba conquista passagem. As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. NUP/ DIALOGO/ Fondation pour le Progrès de L'Homme. Florianópolis:SC, 1995.